GUANABARA

REVISTA MENSAL

ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDIGIDA

POR

UMA ASSOCIAÇÃO DE LITTERATOS

E

DIRIGIDA

POR

Manoel de Araujo Porto-Alegre
Antonio Gonçalves Dias
Joaquim Manoel de Macedo.

N.° 1.° DEZEMBRO DE 1849.

TOMO I.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO ARCHIVO MEDICO-BRASILEIRO,

RUA DO REGENTE N. 13.

1849.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO PRESENTE N.°

Guanabara (Introducção).	pagina	1
Fragmento de um Poema—O Triumpho	»	3
Euphorbiacea.	»	14
Scenographia.	»	19
Explosaõ da fabrica da polvora.	»	23
Historia Patria—Refl. sobre os Annaes Hist. do Maranhão por Bernardo Pereira de Berredo.	»	25
Chymica—Analyses feitas por ordem do Snr. ministro da fazenda.	»	31
Olhos verdes	»	33
Ode saphica.	»	35
Variedade—Corregio e a Historia.	»	37
Noticias diversas.	»	38
Bibliotheca Guanabarense.	»	1
Rosa—Romance.	»	3

GUANABARA

Debaixo deste titulo, que recorda o nome primitivo da cidade, augusta rainha da America do Sul, offerecemos ao publico esta revista mensal. E' ainda a continuação do pensamento que presidio á publicação do *Nitheroy* e da *Minerva*, pensamento que foi nobremente segundado pela *Revista Philomatica*, em S. Paulo, e pela *Revista Nacional e Estrangeira* nesta capital.

A *Minerva* fez algum serviço ás lettras, deu alguns fructos, pois a seu exemplo se publicárão muitos periodicos litterarios nas provincias, e mesmo na capital, entre os quaes muito se distinguio o *Iris* e se distinguem a *Aurora Olindense*, os *Ensaios Litterarios*, em S. Paulo, a *Voz da Juventude*, e os *Harpejos Poeticos*.

Consagrado ás altas especulações, votado á missão de uma placida propaganda, o *Guanabara* se occupará das sciencias, das lettras e das artes; e na continuação dos seus deveres procurará tratar de uma maneira amena as questões mais abstractas que possão sobrevir no desempenho do seu escopo: todos os seus esforços, todas as suas vistas se applicaráo com preferencia ás consas do paiz.

Cada grupo de seus redactores, encarregando-se da sua especialidade, procurará esclarecer o leitor curioso, guiando-o pela senda de uma critica animadora e imparcial.

Debaixo pois de semelhante espectativa offerecemos esta nova publicação, dedicada ás classes da sociedade que procurão um passatempo instructivo, e uma pagina onde encontrem um especimen do estado intellectual da época, e com elle as tendencias do pensamento da actualidade: é pois o *Guanabara* mais uma medalha que vai assignalar os factos que revelão o nosso futuro; as suas paginas, abertas a todos os homens estudiosos, serão o receptaculo de todas as idéas que se harmonisarem com os seus principios, e com os fins a que é sómente consagrado.

Dedicado ao recreio das familias, á mocidade das escolas, ao commercio e as artes, algumas vezes não se tornará indigno do philosopho e do estadista; pois, com a mistura de assumptos graves e obras amenas e variadas, procurará satisfazer da melhor maneira que for possivel as curtas promessas que agora faz.

A direcção do *Guanabara* se compraz em annunciar que entre os seus redactores correspondentes, tanto no Imperio, como no exterior, se achão algumas notabilidades: a confiança que taes nomes inspirão é uma solemne garantia de progresso, e da sua perfeição relativa ao nosso estado de civilisação.

Os periodicos da especie do *Guanabara*, que não pertencem ás justas e torneios da politica individual, e ás suas fluctuações incessantes, preenchem uma missão conservadora, pois são o sanctuario da reunião de todas as intelligencias, e de todas as crenças politicas: a esphera que abrangem está fóra da attracção de mesquinhos interesses; a sua orbita é mais vasta, mais sublime e mais placida: é a expressão de

todas as harmonias do pensamento e do coração, fóra do estadio de um egoismo disfarçado.

A época actual, em face dos acontecimentos recentes, já provados por nós em dias calamitosos, parece que convence os espiritos de que nada mais nos resta a experimentar, e que devemos concentrar todas as nossas forças para o desenvolvimento moral e intellectual, unica base de um seguro e permanente progresso.

A nossa actualidade é um crepusculo dessa luz esthetica,que em breve nos ha de esclarecer com seu influxo benigno; ha tendencias manifestas no espirito da nova geração para as idéas archetypas, para um futuro que ha de contrastar com estes tempos do *eu*, do terrivel *eu*, que é o ponto central do circulo acanhado das gerações que tateão entre a dacadencia e a immobilidade rotineira.

Tudo é grande e prodigioso neste Brasil; tudo se apresenta debaixo das fórmas mais bellas e mais colossaes, — excepto o homem! A'quelles que attingirão a balisa posterior.—*Almezzo del camin di nostra vita*, — já não pertence a hora do fervor, os dias de trabalho e das esperanças de gloria: á nova geração é que cabe todo esse brilhante futuro, que ha de triumphar quando a geração que nasceu em 1825 tomar posse da alta administração, e o Soberano governar com os homens de sua idade.

Então se terá dado um largo impulso a esse grande inventario de nossas riquezas naturaes; então já se terá ouvido a palavra do philosopho americano, visto a analyse do chimico brasileiro, escutado o canto do vate das florestas, e attendido aos dogmas da experiencia.

Então estarão collocadas as balisas da estrada do futuro, obtidos solidos resultados, e planejado esse systema de grandeza e de prosperidade, que dorme entre a poeira do turbilhão do egoismo.

Então seremos uma nação na America, porque teremos uma fé robusta, e com ella a indeclinavel esperança que traz toda a convicção profunda, todo o amor de patria, e todas as virtudes da razão social.

A nossa litteratura terá as bases monumentaes que este paiz lhe proporciona, terá o seu cunho de nacionalidade, o seu caracter proprio; então será maior o catalogo dos mortos, que é o indice dos monumentos de gloria, o quadro do passado, os pontos luminosos da historia, e o deposito de eviternos laureis.

O paiz que deu ao mundo Durão e Caldas, os Gusmãos e os Andradas, Camarão e Abreo, Cairú e S. Leopoldo, promette alguma cousa mais, quando o tempo for mais apreciado que o ouro, e o homem se considerar como a primeira alavanca da civilisação, como motor de todo o impulso progressivo.

Eis os pontos cardeaes da nossa fé, eis o espirito que anima a todos os redactores do *Guanabara*, e o pensamento que os abraça, e que os impelle a concorrer para aquella grande obra: basta de épocas criticas, basta de inuteis oscillações, basta de perda de tempo: — comecemos a nossa época organica.

O *Guanabara* procurará ajudar a todos os athletas que se achão na arena; envidará neste jogo harmonico toda a sua boa vontade, para que em breve possamos unisonos entoar o epinicio triumphal de uma época que havemos retardado, e que está lançada em divida no grande livro do tempo.

GUANABARA

REVISTA

ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA.

FRAGMENTO DE UM POEMA.

O TRIUMPHO.

Troão na Iberia os hymnos da victoria
Que Fernando e Isabel do mouro houverão.
Jaz vencida Granada ! A cruz guerreira
Da moderna cruzada resplandece
Na rubra grimpa da atalaia altiva
Que de Alhambra domina os regios muros,
E os zimborios dourados das mesquitas
Assentadas no gremio augusto e bello
Da abatida Sultana do Occidente.
Jaz prostrado o alkorão : como um rebanho
Repousa a Hespanha á sombra do Evangelho.

Troão na Veiga os hymnos da victoria.

Na ridente esplanada, ovantes, firmes,
Troncos d'aço batido ao sol fulgurão
Pautados esquadrões, lucidas armas.
Ribomba no horizonte o estrondo horrendo
Da rouca artilharia entre mil nuvens,
E aos equinos relinchos se mesclando,
E ao fremente clangor das marcias tubas,
O sopé das montanhas estremece !
Sobre o craneo hibernal das Alpuxarras

Estala o diadema eterno e frigido
De niveas carambinas ; geme a terra !
Revolve o leito antigo o Darro, e tolda
D'aureas palhetas as sangrentas agoas,
Onde exsangues cadaveres fluctuão.
Retremem os turbantes esmaltados
Dos islamicos templos ! pavorosa
A sombra de Almanzor banhada em sangue,
Do poento jazigo em que dormia
Ergue-se, e foge ao funeral de um throno,
Que seu braço escudara em cem batalhas.

Jaz vencida Granada.
A Providencia
Quebra a espada de Islam nos frageis muros
De Sancta-Fé, erguida após o incendio.
O drama porfiado, que oito seculos
A Hesperia ensanguentara, se desfecha ;
Rola aos pés de Isabel, estrebuchando,
O orgulhoso colosso d'esse imperio
Que o braço de Fernando avassalara.
Na incude marcial não bate o malho
Do mourisco Alfageme ; acerbas lagrimas
O ferro mal temperão : só se escuta,
Atravez d'esses muros derrocados,
O tinir das cadêas dos escravos,
Em cuja mente a liberdade antiga
Não ousa aos ceos erguer dubia esperança.

No regio acampamento o affan fervora ;
A turba marcial preliba a festa,
Aprestando seus jogos ; sobre os carros
Dos flancos das montanhas rolão bosques ;
E os tardos bois, e os fervidos cavallos
Movem acervos de pezados troncos :
Susurrão serras, rangem os machados,
Cava-se a terra, e artefactos sobem.
No regaço gentil, nas mãos mimosas
Das felizes donzellas se engrinaldão
Odoras flores, e laureis virentes,
Pendões se broslão e divisas charas,
Que os arcanos de amor na côr sigilão.
Sericas tendas, pavilhões heraldicos,
No ar tremulão as luzentes frimbrias.
Ascendentes palanques contorneão

O ambito faustoso da estacada
Que o Arauto firmara em torno á liça,
Onde em breve travando aureos broqueis,
Floridas lanças, festival certame,
Ha de em peito amoroso, em destros jogos,
Turba heroica ostentar valor e arte.
Domina a teia o cadafalço regio,
Coroado de tellas brazonadas,
Que o lustre preconisão e as victorias
D'essa prole de heroes, astro de gloria,
Que o crescente eclypsou c' a invicta dextra.

Era no dia em que o christão memora
A maga epiphania. Ao som festivo
De sonoras trombetas, d'epinicios,
Pela ultima vez enthronisado
Na granadil tarima, eça funerea
D'aquella agonisante realeza,
Capitulado havia o chefe augusto.

Entre as ameas do rendido alcaçar
O ferreo guante do hespanhol pezava
Sobre as quentes bombardas, que inda ha pouco
Vomitavão-lhe a morte nas fileiras.
Tudo está consumado. Escravo o bronze
Da c'rôa torreada da sultana,
De seu novo senhor o mando aguarda,
Que ás portas bate da purpurea Alhambra.

Em murzellos frisões ajaezados
Com mourisco primor, os regios conjuges
Fechão a marcha triumphante e grave,
Que, ao som das charamellas e timbales,
Soberana desfila. No ar retinem
Os hymnos da victoria. A' frente marchão
Os Reis d'Armas, Arautos, Passavantes,
Sustendo as massas d'ouro nas espadoas;
Sobre a ferrea armadura das cohortes,
Que as alas orlão do real cortejo,
Se espelha o sol em fogareos ardentes,
E as lanças e as adagas dos guerreiros
Ephemeros cometas no ar lampejão:
Hoste briosa, de afamada estirpe,
Como estatuas de bronze exalça o prestito;
E o prestito engrandece o regio Musa,

Mensageiro de paz, leão na guerra:
Nas gallas orientaes gemmas resplende;
Sobre o punho do alfange temeroso,
Tanxiado em Damasco, entre saphiras
Flammeja do Indostão rubim monstruoso:
Vale o xairel de meio reino as terras,
E seu dono e ginete um vasto imperio.
Em negros alfarazes, a seu lado
Trinta Alarifes vão, de mouro sangue;
Ressumbra-lhes no rosto abassanado
O desdem que o valor innato ostenta.
Do injusto Boabdil a quéda, o opprobrio,
Prelibando, sem ver a propria ruina,
Vai ufano o despeito avancerrage:
Tanto póde a vingança em peito irado!
Em castanhos corceis, Aldoradinis,
Alabezes, Vanégas e Maliques,
E os heroicos Gazules arrematão
O sequito mourisco. Commandando
Provados martes, senhorea o prestito
O sagrado pendão de Sanct'Iago,
O de Castella labaro invencivel,
A cuja sombra preito e homenagem
Deve um dia render metade do orbe.
Entre Jograes e Menestreis marchava
Co'a lyra d'ouro um Bardo, ultimo garfo
Da caledonia estirpe, escapo ao ferro
Que Eduardo cruel brandira em Galles,
E profugo nas ondas arrojado
Para a Iberia dotar com hymnos bellicos
E das cinzas do Cid erguer Fingaes.
Das pupillas vertendo fero lume,
Com garbo marcial a pompa illustrão
Equestres campeões d'alta linhagem;
E ao som dos hymnos que o valor deificão,
Do tinir das espadas, dos arnezes,
Os briosos corceis se engalão, rinchão,
Ondeão, e nas frontes dos guerreiros
Os curvos morriões no ar balançando
Floreão docemente as brandas plumas,
Qual formoso palmar que a brisa afaga.

A passo tardo macilento monge,
Coberto de burel, a Côrte segue.

Ximenes é seu nome: o resto a Hespanha
Ha de em breve dizer ao mundo inteiro.

De odoras flores, de virentes palmas,
Junca-se a estrada que perfila os muros
Da vencida Granada, onde o triumpho
Glorioso alardea augusta pompa;
E mal galgado havia asp'ra montanha,
Eis que da terra, que a seus pés ribomba,
Um confuso clamor prorompe e surge:
Erão brados christãos, erão escravos,
Que da noite profunda das masmorras
A' luz do dia saudações envião.
Livres ordena, que a seus lares voltem,
A piedosa Izabel, esses cativos
Que no eculeo das trevas e da fome
Pela patria gemerão tantos annos:
E a montanha dos Martyres chamou-se!

As ruas tortuosas rasga o prestito
Do supino Albaicim, e estranha os usos
D'aquella antiga raça: a *maura* esposa
De gallas nupciaes se arrea, emquanto
De sacco o rico esposo se atavia.

A' sombra larga da macissa torre,
Que a vista ao céo suspende co'a grandeza,
Fronteiros parão á guerreira porta
Onde ao mundo por sec'los provocava
Marmoreo emblema a conquistar Granada.
Rangem os quicios; Boabdil-El-Chicho,
As chaves de seu reino e seu alcaçar,
Consternado, a Fernando entrega, e diz-lhe:

BOABDIL.

« Poderoso Senhor, Allah decreta
« Que estas chaves, que fechão tanta gloria,
« Em vossas regias mãos eu deposite.
« São as chaves que encerrão as reliquias
« Do cadaver augusto e venerando
« Do arabico imperio, que oito seculos
« Na Hespanha floresceu. Cumpra-se, cumpra-se
« Do Senhor a vontade.

REI.

E o poderio
Das minhas armas, Principe, não vale?....

BOABDIL.

« Não, não creias, Senhor; Deos é que ordena:
« Os imperios expirão, não se abatem.

REI.

Quando nelles não ha Juliano e Oppas,
Quando n'elles á paz curvão-se os odios,
Ou de monstros sedentos a vingança
Não chama, não acolhe imigos ferros.
Relevo-te a ousadia: a dor desvaira.

BOABDIL.

« A dor só desvaria em peitos fracos.
« Estava escripo, Rei! Na casa d'Hercules,
« Desde o berço da Iberia, mão prophetica,
« Fatidico papyro aferrolhara,
« Onde Allah prescreveu nossas conquistas.
« Não foi o braço humano, não de certo,
« Quem do céo despejou centos de raios,
« Que a pó e cinzas, com assombro do orbe,
« O templo reduzirão! Foi Rod'rico,
« O grande peccador, embriagado
« De estupros e de orgias sanguinarias,
« Que surdo á voz de Deos, á voz do tempo,
« Insano profanou com mão sacrilega
« Esse altar onde os sec'los occultavão
« A sentença que fez rolar seu throno,
« Seu plaustro d'ouro descixar, seu sceptro
« Quebrar-se eternamente sobre as margens
« Do rico Guadalete, em face a Xeres!

« Stava escripto. Não forão vossas armas
« Que o meu throno abaterão.
« Aben-Hassan meu pai, Deos o ampare,
« Vio apar da derrota, no meu berço
« Do infortunio pousar a estrella mesta;
« Predice o céo meu fim, funesto horoscopo
« Da morada de Allah baixou á terra.
« Aqui mesmo, Senhor, n'esta atalaia,
« Berço e sepulchro degrandeza ephemera,
« Uma horrivel visão teve elle um dia,
« Dia nefasto nos annaes da hegira

« Mergulhava no mar o limbo rubido
« O sol; suave tarde a primavera

« De andaluzas delicias revestia ;
« Sobre o bafo de meiga e fresca brisa
« De nardo e lume um oceano ethereo
« Vinha os labios ungir de almos encantos ;
« E o astro do Propheta a prumo ao cimo
« D'esta immensa guarita das vigias,
« Brilhava puro e calmo, como a face
« Da Ouri, que nectarisa eternamente
« Os labios do escolhido. De repente
« Se enlucta o céo, e as candidas estrellas
« Em verdes flammas se convertem, cruzão,
« Trovejando no espaço ronco horrendo.
« Mais vermelho que o sol, da terra surge
« Um rompente leão ! lança-se ao astro,
« E o devora de um trago ! A natureza
« Parecia reentrar no cáhos informe,
« E em trevas sepultar-se !... Só a imagem
« No ar se via da medonha fera,
« Sacudindo da juba ensanguentada
« Um granizo de fogo sobre os tectos
« D'esta infausta cidade. Meu pai tremulo,
« Sentio da morte a mão premar-lhe o seio,
« E em fogo desfiar-se de seus olhos
« Sobre a nivea marlota sangue em bagas.

« Horrorisado, foge titubante ;
« E, ao varar dos Leões o Pateo, fere-o
« Um gemido que as carnes lhe lacera.
« Da concha de alabastro, que no centro
« Espadanas de sangue trasbordava
« Sobre o dorso marmoreo d'essas feras,
« Já com sangue christão assaz banhadas,
« Um espectro phosphorico o assalta !
« Como ardentes carvões, chammeja a larva
« Em muda exprobração olhar satanico !
« Tira do seio ensanguentada espada,
« E nos labios crueis a limpa ; e cospe
« No rosto de meu pai reprobo estigma.
« Convulsiva debruça a fronte hirsuta,
« E com ella lhe atira em cem pedaços
« A c'rôa augusta de Granada ás plantas ;
« E envolta em sangue se sumio nas agoas !
« Como a virgem que vê fundir-lhe o raio
« A taça d'ouro que emborcava aos labios

« Em grata libação, e em marmor gela-se,
« Assim meu pai ficou! Ouve um vagido
« Nos regios aposentos, que o desperta;
« Ouve outro maior; foge, e procura
« Lenitivo ao terror no casto seio
« De minha mãi querida; e o que encontra?!
« Era eu vindo á luz n'aquelle instante,
« Era eu, que emigrava de seu ventre
« Para o mundo da dôr, do desengano;
« Era eu que na face deslisava
« A lagrima primeira; e n'ella ao vivo,
« A' luz de um cirio agonisante e tremulo,
« Vio meu pai com assombro, reflectir-se
« A imagem pavorosa das exequias
« Do throno de Granada!...
« Estava escripto!
« Os braços granadís ora algemados,
« Como os braços christãos são construidos;
« E as agoas do Genil dão gume ao ferro
« Para o ferro cortar de vossas armas.
« Allah foi quem venceo. Ante os meus olhos
« Julianos e Oppas, refractarios
« A' jura do alcorão, patentes vejo.
« Nem a esposa me resta, que o inferno
« Me fez repudiar, cubrir de opprobrio,
« Negando seu amor. Sangue, só sangue,
« Avancerrage sangue em toda a parte
« Minha esperança afoga n'um diluvio.
« Nasci em dia aziago. Eis vossas chaves.
« Uma graça, Senhor, sêde piedoso:
« Tolerai o alcorão; elle é do mouro
« Um roteiro do céo. Inda outra graça:
« Mandai que um alvanel a porta mure
« Por onde Boabdil desceo do throno.

E o despeito lhe verte pelos labios
Espessa espuma; não lhe verga o animo
Da despegada esposa o riso ironico,
E a treda face do vendido escravo
Que n'elle via perecer Granada.
Antes, rolando os inflammados olhos,
Um a um os confunde: — Inda era principe!

Convulsivo tremor a fronte augusta
Da formosa Izabel percorre, e estampa

Em seu terno semblante a piedade;
E pallida, mas bella, a face aljofra
De compassiva lagrima. Fernando
C'o sonho simulado occulta o jubilo
Que em seu peito borbulha; e os olhos fitos
Na alcantilada torre, aguarda ancioso
Ver alçar-se o signal, a cruz argentea
Na mão de Talavera, e glorioso
Engolfar-se nos brados da victoria.

Sanct'Iago! Do alto da atalaia
Tres vezes brada o Bispo: — Sanct'Iago!
Sanct'Iago! — reboa pela Veiga ·
Como a onda que os flancos arremeça
Na lisa praia, e recuando engrossa
Em marouço que estoura rebentando
Bolhões de espuma, crepitantes flores.
Castella e Aragão! — grita o Rei d'Armas,
Florcando tres vezes o estandarte
Do Apostolo guerreiro, cujo nome
A fé robora, e accende o amor da gloria.
Responde a artilharia, rufão caixas,
E no campo fluctuão ferreas massas,
Dardos de fogo rutilando ás nuvens.
Fernando beija a terra e ao som das harpas
Grave *Te Deum* entôa, que respondem
Toda a côrte, guerreiros e cantores.

A hora da victoria é méta de ouro,
Onde o suor se estanca e affans se olvidão.
Do rosto do infeliz espana as lagrimas,
Converte o fel dos labios em ambrósia,
Repelle a morte, abraça alma esperança,
E a terra emparaiza. Oh! que contrastes
Da humana sorte, das grandezas terreas,
No mundo a mesma hora não confronta?!
Sobre as ruinas de um throno outro se assenta;
E o homem, rei na aurora, que tão alto
Na terra leis dictava, occulto em trevas
No catre da miseria se amortalha:
Eil-o o fero Boabdil sobre alto monte
Fugindo d'esses hymnos que reflectem
Em seus tristes ouvidos sons funereos,
E o solio avito n'um sudario envolvem

De fumo e sangue. Em vão turbado intenta
Sorver a doce imagem fugitiva
Da finada grandeza entre seus labios,
Onde ardentes suspiros se debatem.
Nunca em seus olhos a amorosa Alhambra
Mais bella se estampou, nem sobre a terra
Granada alardeou tantos primores.

Do abysmo infindo e tenebroso ergastulo
Onde o fado cruel o sepultára,
Como arido deserto ergue-se o mundo
Entre os deliquios do quebrado orgulho
Que na fronte lhe esvae o sulco augusto
Do diadema herdado, e sorve as frechas
Hervadas do infortunio. Oh ! sorte adversa !
A mesma luz do sol, ridente outr'ora,
Já não mana em sua alma a magestade,
Já não doura os seus sonhos de conquistas ;
Larva aziaga vomitando trevas,
O futuro lhe obumbra : geme, geme,
E na mente lhe rola ermo suicidio ;
Mas desarma-lhe o braço inda a esperança,
Inda a esperança de um febril engano.

Sereno o céo estava, como o rosto
Do puro infante que no gremio dorme
Da carinhosa mãe.— E elle não via,
Rolando avidos olhos no horisonte,
Erguer-se um fumo lampejando estrondos,
Sublevarem-se os seus, tinirem armas,
Romper-se a cruz iberia, e o crescente
Raiar de novo nos fendidos muros
Como um astro propicio. Não, não via
Abrir-se a terra e submergir Granada,
Ferver em seu sepulchro um negro lago
Fumegando mortiferos vapores.
Pela ultima vez sua alma adeja
Pelos olhos, e diz enternecida
Saudoso adeos á Patria escravisada,
Saudoso adeos ao throno, ao mando, ao fausto ;
Um suspiro o acompanha, longo, intenso,
Um suspiro, que encerra um sceptro, um mundo:
E ao longo respirar vio-se em seus olhos
Rolar do infortunio a fria lagrima.

Geme, geme Boabdil, e os seus gemidos
Com duro vituperio a mãe lhe atalha :
« Como fraca mulher, Principe, choras
« O teu reino perdido ? Sim, prantea-o,
« Já que homem não foste em defendel-o.
« Inda ha pouco teu vulto enchia a terra
« De assombro e magestade ! Ora abatido,
« Nega-te a mesma terra um pouso, um canto
« Onde possas dormir ! E tu sabias
« Que o manto do plebeo não cobre a espadoa
« Que um imperio susteve ; e tú me ouviste
« Que a purp'ra é uma Vestal no altar do solio ;
« Que o rei, que rei expira, esse é que é rei.

Como adunco cilicio nas entranhas,
Ou se o raio estalasse em seus ouvidos,
A voz apaixonada da Sultana
Fere em sua alma, e lhe desnuda o mundo.
Um ermo tenebroso, arida syrthe,
Que treme e se desloca, que balouça
Entre vagas que o céo fulmina irado,
A terra lhe parece ; amor do berço,
Delicias do consorcio, e a magestade
Em voragem profunda desparecem :
E a morte é seu porvir, sua esperança.

Da patria a terra e céo infaustos cercão
Seu ser real proscripto ; encara os mares,
E nas rubras caligens africanas
Renasce-lhe a existencia. Solta as redeas
Ao fogoso frisão e os seus afasta
Do afflictivo espectac'lo que o tortura.

. . . . . .

Porto Alegre.

EUPHORBIACEA

OPHTHALMOBLAPTON (Gen. Novo.)

MACROPHYLLUM (Sp. Nov.)

Nome vulgar

SANTA LUZIA.

Arvore de mais de 50 pés de altura; tem o tronco de 20 a 25 pés de alto, com 1 a 1 1/2 de diametro: casca cinzenta, gretada; madeira branca e molle: ramos longos, orisontaes, simples ou pouco divididos, incurvados nas pontas; alternos e afastados de modo a formar uma copa mui aberta, e de fórma approximadamente pyramidal: as extremidades dos ramos são grossas, como um dedo, vestidas de uma casca verde e glabra. Um succo lacteo, d'um branco amarellado, denso, summamente acre, corre em abundancia, por incisão, da casca, e de outras partes desta planta.

Folhas alternas, ajuntadas nas extremidades dos ramos, pecioladas, grandes, mas não conformes entre si no tamanho e figura, inteiramente glabras: peciolo de 3-6 pollegadas e mais, roliço, rijo, turgido nos dois extremos: limbo oblongo, chegando a 12 e mais pollegadas de cumprimento, com 2 e 3 de largura; na base é ás vezes arredondado, mas commummente agudo e cuneiforme, na ponta acuminado ou accidentalmente emarginado; ourela serreada, dentes razos, remotos; de consistencia coriacea, na pagina superior liso, luzidio, de um verde intenso, no dorso de um verde esbranquiçado e *mate;* nervura mediana prominente no dorso, as lateraes parallelas e quasi transversaes; veias reticuladas.

Arbor plusquam 50-pedalis; trunco ad 20-25 pedes altitudine, diametrum sesqui-pedalem attingenti: cortice-cinereo, rimoso; ligno albo, molli: ramis longis, patentissimis, simplicibus, aut parum divisis, ad extremitates incurvis; alternis, remotis, comam raram, fere pyramidalem conformantibus; ad apices digitum crassis, cuti viridi, glabra indutis. Lac albolutescens, densum admodum acre, cortice, aliisque partibus hujus arboris incisione profluit.

Folia alterna, apice ramulorum conferta, peciolata, magna, inter se magnitudine, et forma variantia, hinc inde glaberrima: petiolo 3-6 pollicari, et amplius, tereti, rigido, basi, et apice turgidulo: limbo oblongo, plusquam 12 pollices sæpe assequenti longitudinis, 2-3 latitudinis; basi vel rotundato, vel frequentius acuto, aut cuneiformi, apice acuminato, vel fortuito emarginato, ambitu serrato, dentibus obsoletis, remotis; coriaceo, superne nitido, saturate viridi, subtus dilutiori; nervo medio dorso prominente, lateralibus parallelis, fere transversis; venis reticulatis.

Estipulas curtas, largas, obtusas, unguiformes, caducas.

Flores unisexuaes, monoicas. Ramo loral axillar mui curto, indiviso, marcado de cicatrizes em roda, sustentando um, ou raras vezes dous ou tres amentilhos, ou candêas de flores masculinas, e uma flor feminina. Amentilho de pollegada e meia a duas de comprimento, sensivelmente mais grosso para a ponta, glabro: nasce do meio de algumas bracteasinhas, sitas no pedunculo; as flores são ahi dispostas em series transversaes ordinariamente singelas; ás vezes porêm ha formação de mais uma ou duas series (por baixo ou por cima da primeira), cujas flores são sempre poucas, imperfeitas, ou abortivas, e alternão com as da serie primeira ou fundamental: nascem ellas da axilla de uma bractea, que se abre por uma fenda transversal á maneira de boca; são rentes, mui unidas lateralmente; e decrescendo em tamanho, do meio para os lados, tomão a fórma semilunar em seu conjuncto: tem a primeira serie de ordinario 7 flores; e as secundarias de 2 a 4 cada uma.

Flor de um só estame. Perianthio simples, monosepalo, urceolado, turgido ou carnoso, deprimido no cume, de côr branca, amarellada; o limbo, ou fauce é mui apertado e sem dentes manifestos: o estame fixa-se no fundo do perianthio e sai atravez do seu orificio; o filamento he subulado, glabro, curvo; a anthera didyma tem duas cellulas quasi oppostas, de côr amarella pallida, e se abrem por fendas.

Flor feminina unica, rente, ou com pedicello extremamente curto, assentada sobre o pnduneulo, ao lado do amentilho, acompanhada de algumas bracteas, mui curtas, caducas. Perianthio herbaceo, verde simples, monophyllo, profundamente dividido em 5 ou 6 lóbos, ovaes, obtusos,

Stipulæ brevissimæ, latæ, obtusæ, unguiformes, caducæ.

Flores unisexuales, monoici. Pedunculus axillaris, indivisus, brevissimus, cicatricibus circum-notatus, flores masculos in amento unico, vel raro duplici, vel triplice dispositos, et fæmineum solitarium sustinens. Amenti rachis sesquibipollicaris sensim ad apicem incrassata, glabra, basi bracteolis scariosis suffulta. Flores masculi, serie unica, vel raro duplici, aut triplici, radiatim dispositi, sessiles, arcte conjuncti, apertura transversa osculum simulanti, e rachidis gemmis emergentes; centrales grandiores inde ad latera minuentes; serie primaria, vulgo septeni, quorum extremi imperfecti; seriebus secundariis, cum adsunt, singulatim 2 vel 4, cum primariis alternantes, semper minores, aut atrophi.

Floscolum monandrum. Perianthium simplex, monophyllum, urceolatum, crassum, carnulentum apice depressum, perforatum, colore albo-lutescens. Stamen fundo perianthii affixum, exclusum: filamento subulato, glabro, incurvo: anthera didyma, bicellulari; cellulis suboppositis, rima dehiscentibus, luteolis.

Flos fæmineus solitarius, sessilis, apice pedunculi, juxta amenti basin, situs; bracteolis scariosis demum caducis stipatus. Perianthium herbaceum, crassum, persistens profunde 5–6 lobatum; lobis ovalibus, obtusis, lateraliter imbricatis, erectis, ovarium integrum obtegentibus, inter se

imbricados lateralmente, carnudos e applicados sobre o ovario, de modo a o cobrir de todo, persistente. Pistillo recto, formado de 3 carpellas: ovario conico, apenas 3-sulcado, glabro, 3-locular; lojas uniovuladas; ovulos anatropos, pendentes, axillares, cobertos no apice por um appendice do tecido conductor em fórma de meio barrete: estilo grosso, cylindrico, longo, na ponta claviforme ou turgido, e cavado no interior; aberto no apice por um orificio triangular, formado por 3 denticulos estigmaticos, papillosos por dentro; tudo persistente.

Fruto capsular trisulcado, deprimido no cume, onde remata com o estillete persistente; acompanhado do calix e sustentado por um curto e espesso pedicello, que se desenvolve com elle· é todo glabro e amadurando passa da côr verde á denegrida: separa-se em 3 coccas monospermes, as quaes se partem ainda cada uma em duas semivalvulas loculicidas, dotadas de grande força de elasterio, com que se desunem instantaneamente, projectando ao longe as sementes; ao mesmo tempo que se resolvem em duas partes, uma externa *(epicarpo)*, delgada, denegrida, fragil, outra interna (endocarpo), ossea, elastica, de côr esbranquiçada, que se enrosca no momento da separação.

Sementes quasi esphericas: convexas no dorso, com duas facetas lateraes e internas, e uma depressão no fundo, correspondente á chalaza. Episperma crustaceo, de côr parda, composto de tres elementos; uma tona exterior delgada, cellulosa; por baixo desta um tegumento duro, fragil, de côr acastanhada; e por dentro uma pellicula tenue e frouxa. Pendem as sementes da parte superior da axilla das lojass; e nenhum indicio mos-

aliquantulum inæqualibus: scilicet 3 maiores, 2 vel 3 minores. Pistillum rectum carpophyllis 3 conflatum: ovario conico, glabro, vix 3–sulcato, 3–loculari; loculis uniovulatis; ovulis anatropis, pendulis, axillaribus, ab appendice semicalyptræ formi, plexum cellulosum, conductorem continuanti, apice protectis; stillo crasso, longo, tereti cum ovario continuo, ad extremitatem turgido, intus cavato, apice poroso, poro, sive apertura triangulari, a denticulis tribus, stigmatibus scilicet, facie papillosio conformata; ad integrum persistenti.

Fructus capsularis: 3-sulcatus, apice depressus, stillo permanenti munitus: basi calyce suffultus, a pedicello brevi, crasso, aucto sustentus: totus glaber, viridis, denum nigrescens: 3-coccus; coccis monospermis, in semivalvas loculicidas, ad disseminationem elastice divisibilibus, quæ singulæ, simulque, in partes duas dissolvuntur, nempe epicarpium tenue, fragile, nigrum, et endocarpium osseum, colore album, sub dehiscentia elastice contortum, grana projiciens.

Semen inversum, axillare, sub-rotumdedum, dorso convexum, facie hinc, et inde planiusculum, basi ad chalazam depressum. Integumentum crustaceum, griseobruneum, elementis tribus compositum: exteriori tenui, celluloso–spongioso; mediano crustaceo, fragili, bruneo–colore: interiori membranulaceo, laxo; caruncula nulla. Embryo, albumine crasso oleaginoso conditus, rectus; cotyledonibus foliaceis, cordiformibus; radicula brevi,

trão de caruncula. O embrião, mettido dentro de um endosperma encorpado, oleaginoso, é recto; de cotyledones foliaceas, arredondadas, antes cordiformes; e radicula curta, conica; sem gemmula apparente.

conica, supera, hilum spectanti; gemmula inconspicua.

Habita nas matas virgens: mas nasce tambem nas *capoeiras* ou matas secundarias. Começa a florescer em novembro.

Habitat silvis tam primariis, quam secundariis. Floret Decembri.

O nome generico formei de palavras gregas, que querem dizer — *nocivo aos olhos.*

Nomen genericum e græco sumptum idem valet ac *noxium oculis.*

REFLEXÕES.

Encontrão-se frequentemente estas arvores de serra abaixo na provincia do Rio de Janeiro, nos montes, e nas vargens; mas gosta particularmente de terras baixas, barrentas, e *humosas.* Seu aspecto nada tem de agradavel: conserva em todo o tempo sua folhagem de um verde escuro; mas a copa é sempre mais ou menos falhada, ou aberta. Os cortadores de mato receião-se muito della, em razão do leite acre e venenoso, que ella dá em abundancia; o qual saltando no corpo produz uma inflammação com bolhas; porém o seu effeito mais terrivel é sobre os olhos, onde affirmão, que bastão seus effluvios para occasionar intensas ophtalmias. E' por isso que lhe derão o nome de Santa Luzia, Advogada dos olhos. De ordinario as deixão intactas nas derrubadas, ou as cortão depois de as ter descascado com muito cuidado, ou queimado o pé em roda.

SOBRE O GENERO.

São tão peculiares as fórmas ou caracteres desta planta, que não tive duvida alguma em a considerar como o typo de um genero novo. Algumas especies mais tenho, cujo estudo não está ainda concluido, que com esta tem tantas affinidades, que serão provavelmente reduzidas ao mesmo genero. Seguramente entra ella na secção ou sub ordem das Hippomaneas. Basta por ora dizer, que de todos os generos desta secção (segundo o *Gen. Plant.* do Sr. Endlicher) se distingue ella pela flor monandra, excepto do *Pachystemon,* do qual porém se separa por todos os mais caracteres. O que porém, quanto a mim, funda a sua *Diagnosis*, é a structura de suas flores masculinas, e seu modo de inserção no amento.

Rio de Janeiro 28 de agosto de 1849.

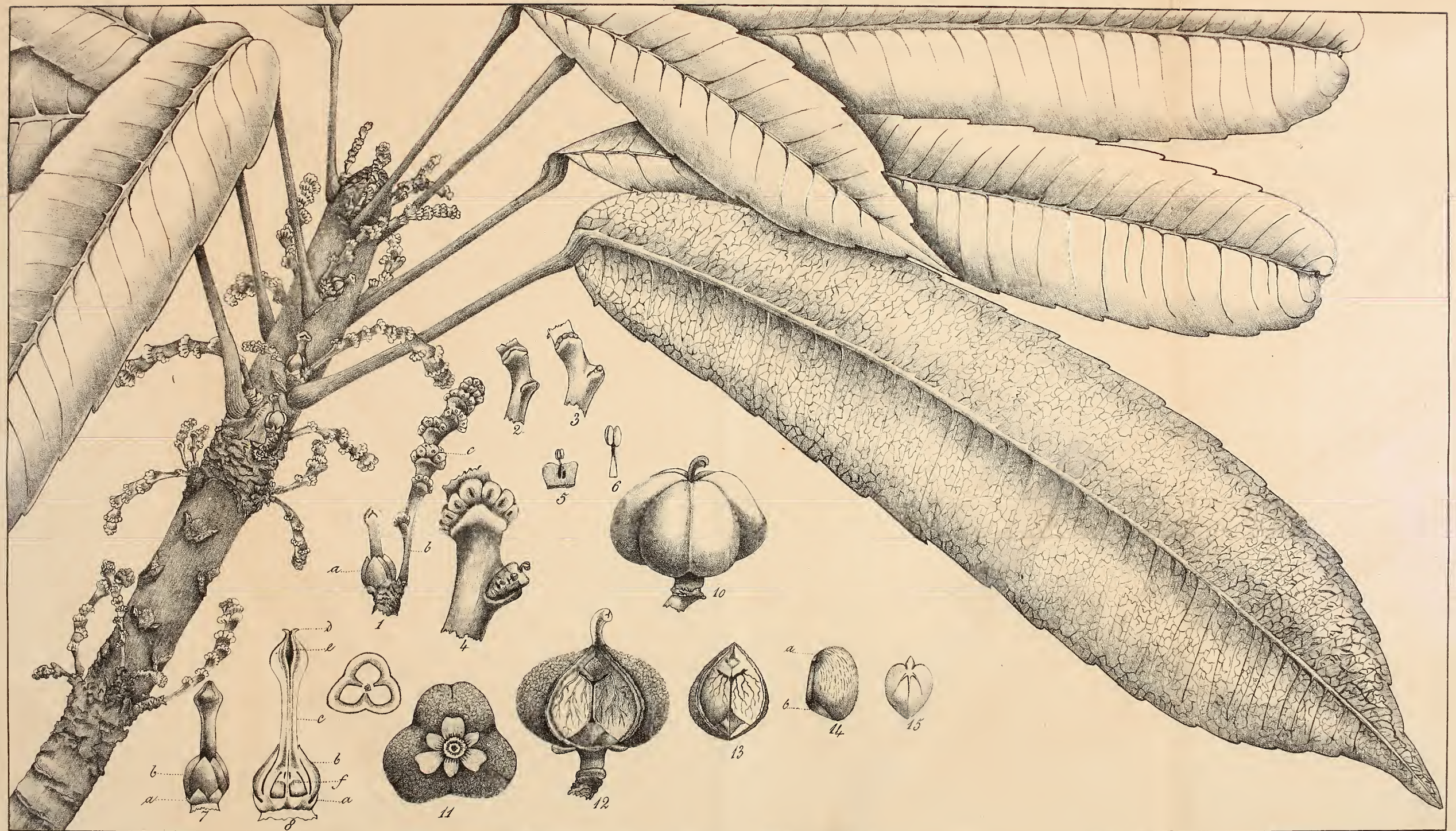
Francisco Freire Allemão.

EXPLICAÇAÕ DA ESTAMPA.

Ramo do tamanho natural
Fig. 1 Ramo floral (aug.)
» *a* Flor femenina
b Flores masculinas
c Fasciculo de flores com 3 series
» 2 Porção de amentilho antes da sahida das flores
» 3 O mesmo, começando ellas a sahir
» 4 O mesmo, com flores abertas
» 5 Flor mascul. partida verticalmente
» 6 Estame
» 7 Flor femenina
a Bracteas
b Calyx
» 8 A mesma aberta longitudinalmete
a Bracteas
b Calyx
c Pistillo
d Estigma
e Cavidade do pistillo
f Ovulo com o barrete
» 9 Ovario partido transversalmente
» 10 Fruto (tamanho natural)
» 11 O mesmo visto debaixo
» 12 O mesmo, tirada uma cocca
» 13 Cocca, vista de face
» 14 Semente
a hilo
b chalaza
» 15 Embryão

FABULAE EXPLICATIO.

Ramus magn. natur
Fig. 1 Ramus florifer (aucts)
» *a* Flos famineus
» *b* Flores masculi
» *c* Fasciculus florum, cum seriebus 3
» 2 Portio amenti, ante florum exortum
» 3 Eadem, sub authesi
» 4 Eadem, floribus explicatis
» 5 Flos verticaliter sectus
» 6 Stamen
» 7 Flos fæmineus
a Bractea
b Calyx
» 8 Idem longitudinatiter sectus
a Bracte
b Calyx
c Pistillum
d Stigma
e Cavum pistilli
f Ovulum cum calyptra
» 9 Ovarium, transverse scissum.
» 10 Fructus (magn. natur.)
» 11 Idem parte inferiori visus
» 12 Idem, cocco uno avulso
» 13 Coccum, facie visum
» 14 Semen
a Hilum
b Chalaza
» 15 Embryo



Freire Allemão delineavit. Lith. do Arch. Militar. M. J. Miz Rocha Desenhou 1849

Ophthalmoblapton Macrophyllum

SCENOGRAPHIA

Os Srs. Tagliabue e Picozzi.

Com a nova companhia de canto vierão estes dous artistas de um merito superior: a arte de Servandoni, Bibiena, Pozzo, Dagoti, Sanquirico e Nicolini, resurge de novo entre nós com uma luz, que será proficua.

Um gabinete gothico, na opera dos Puritanos, nos havia já denunciado as altas qualidades dos dous artistas recémchegados; porém as scenas que executárão para o baile intitulado—o Lago das Fadas— nos vierão certificar que estes dous filhos da venturosa e malfadada Italia nos trazem um raio daquelle fogo inextinguivel, que a Vestal do Olympo de ha muitos seculos ainda não abandonou, e que o ferro dos conquistadores não pôde extinguir.

As obras nascidas no gremio da Musa melodica, e realizadas no palco scenico, vão de hoje em diante recobrar um novo lustre: a scenographia é a vestimenta a caracter do todo de um drama, é a sua vida local, é o complemento de todas as harmonias do talento: as musas do poeta, do musico e do pintor formão a trindade do genio na opera italiana, cuja creação pertence á civilisação moderna.

A' infeliz Italia, á bella matrona, disputada ha tantos seculos pelos sultões do Occidente, pertence a gloria desta creação, que os filhos de Eschylo e de Aristhophanes não podérão sonhar á sombra dos platanos do Parnaso, e ao respirar das auras fecundas que purificão o berço de Phydias, de Apelles e de Euripides.

E' um destino providencial aquelle que faz gemer o genio, que o purifica no fogo das dores, e lhe arranca esses ais harmoniosos, e essas lagrimas que rolão desprendendo melodias, para mais encantar a humanidade, e prende-la por um amor celeste ás artes, á religião dos sentidos, ao culto das idéas de Deos, no sanctuario do genio; é uma lei de compensação que nos faz esquecer esta cadêa de transitorias illusões, este nosso eu nas horas do interesse, e nos liga, nos colloca circumfluindo a um tempo na mesma taça de ouro todas as voluptuosidades da alma. De todas as artes a musica é a que tem o poder de nivelar todos os corações, e de os fazer oscillar agradavelmente em todas as escalas da sensibilidade.

A poesia tem em seu braço a ressurreição do passado, e a revelação dos mysterios da alma e dos arcanos do coração: toda a natureza, todas as vozes occultas, a memoria dos homens e o amor, enflorescem seus labios; ella é a arte dos espectaculos, dos grandes ajuntamentos, mas tambem é a arte do solitario: os seus grandes scenarios, a sua pompa se desdobrão com a mesma sublimidade debaixo da choupana do pobre, como debaixo dos sophitos das regias: basta-lhe uma alma e um coração que a possão comprehender e abraçar no espaço todas as suas divinas creações.

A pintura tambem tem a sua hora de triumpho, o seu epinicio de enthusiasmo,

e a sua gloria na duração dos tempos: os seus idylios, as suas tragedias, e os seus poemas são escriptos em uma linguagem universal, que tem por vogaes a luz, e por consoantes as cores: a historia, o amor, a saudade e o bello esthetico são por ella representados em paineis expressivos, em scenas familiares, no retrato, e nas fórmas da infancia, da virgem, do heróe e do semideos.

Ella possue a vara magica, que toca n'um momento da vida da humanidade, daguerrotypa-o, e transporta-o ás gerações vindouras, arrancando da noite do passado uma dessas scenas exemplares, que o tumulo clausura, ou nos conserva a phisionomia daquelles que nos são charos, e dos quaes ás vezes já não restão os ossos, nem a mais leve idéa de suas feições.

Que sublimes visões se não escondem debaixo das azas da musa cromatica, em cuja fronte brilha o sol creador, e em cujas vestes se irisão as fachas brilhantes desse meteoro que rutila as cores de Newton, ou que brincando em facetas metallicas ou crystalinas, recorda o matizado engenho do Creador do Fausto, do sagaz Ovidio das plantas! Que magico poderio!

Abre-te, oh templo de harmonias, debaixo do céo benigno e fecundo deste Imperio; escancara as tuas portas, mas não consintas que um guardião profano venha fazer ringir os teus quicios harmoniosos; afugenta ao som de tuas melodias o espirito que enfermára Saul, e espana dos muros de teu sanctuario o insecto que se nutre na fronte do magarefe, e rodeia os sepulchros mal fechados.

Na aurora da paz, debaixo da protecção de um principe artista, abraça-te com uma idéa salvadora, com uma idéa fecunda de porvir, de lustre, e de respeito: — nacionalisa-te, que a conquista é certa.

Que a harmonia abrilhante em teu tablado as scenas heroicas de nossos maiores; que venha o poeta transpor-nos a esse passado, e sentar-nos no festim creador de sublimes recordações; que inscrevas no teu repertorio novos nomes, e que esses nomes sejão como os fructos do outono, que outros nomes fecundem, e que com elles se enthesoure o monumento de uma arte nacional: o artista executor é uma nota, ou uma lettra da linguagem universal: a sua patria é a terra da civilisação, e o seu domicilio o templo que o recebe, seja em que terra for.

Aproveitemos o ensejo: a Europa se abala profundamente; dous grandes braços lutão agarrados ao circulo do futuro; fazem tremer-lhe o eixo; e o canhão, e o trote dos cavallos, e o retintim das armas cobrem as vozes sonoras do genio, enfumação as paredes do templo das artes, e fazem vacillar o solo onde a intelligencia placida se assenta; não ha silencio para meditar; não ha guarida para o filho risonho das musas, nem um ar puro e sereno para a sylphide se embalar no amago da rosa que o zephiro acaricia!

Aproveitemos o ensejo: abramos a terra a essas sementes aureas, e cubramos o solo da patria com os ridentes vergeis das artes; sejamos felizes, e façamos o nome brasileiro respeitado e querido.

Manoel da Costa foi uma luz que nos trouxe a vinda d'El-Rei, e que fez abrolhar alguns germens; depois delle tivemos o inexgotavel De Bret, cujas composições subirão o nosso scenario a um gráo muito elevado: ellas forão o ultimo

clarão do antigo theatro de S. João, sobre cujas ruinas se eleva o actual. Entre estes dous scenographos se intercalárão José Leandro, Francisco Pedro do Amaral, Francisco Ignacio, e José da Silva Arruda. O anno de 1831 arrastrou o bulcão que escurece as artes ; o freneticismo de uma liberdade fantastica se apoderou do Imperio ; o doente mudou trez vezes de medico, e trez vezes gemeu de descontentamento, até que se foi lançar nos braços de seu legitimo conservador ; e com elle, e com o seu influxo benigno as artes pouco a pouco se erguem, e começão a desabrochar.

Abstemo-nos da época decorrida de 1839 até agora, porque nella fomos uma alavanca da scenograppia, e porque não queremos recordar um doloroso passado ; mas não nos é licito calar os nomes de Mrs. Malivert e Olivier, dos Srs. Joaquim Lopez de Barros, Freitas e Motta, que alguma cousa fizerão, e mais farião, se os deixassem livremente.

Com a presença dos Srs. Tagliabue e Piccozzi todos estes jovens se escurecem ! E poderá acaso o homem que nasce circulado de tão curtos elementos, educado em um paiz onde tudo começa, equiparar-se ao filho da Europa, que chega circumdado daquella luz brilhante que o rodeára, e que o avultára entre primores?! Ainda não.

Os scenarios do—Lago da Fadas— são obras superiores : o luar foi mui bem ordenado ; a vista da Aldêa que nos abrio a gruta encantada tinha bellezas magistraes ; a massa de luz que batia nas casas da direita, e aquella restea de sol que vinha dourar a base da torre antiga, a entrada da ponte, do lado esquerdo, assim como os bastidores do quarto plano, erão de uma execução brilhante.

O segundo plano, figurando uma colina ridente da bella Italia, coroada por fabricas collossaes, assentadas sobre gigantescos botareos, e circulada de outras construcções, é uma bella concepção : as linhas tem um bem cadenceado perimetro, e recordão ao vivo aquelle caracter de edificar, que nenhuma nação moderna tem sabido dar ás suas obras.

A gruta encantada, o cimbre fantastico, é uma obra magistral ; que bello effeito não produz esse graniso de prata, tressuado pelos intersticios de sua estructura pictoresca, e pelos véos transparentes de alabastrinas estalactites, pelos ramos encarnados de formosos coraes, e pelo amago esmaltado das alvissimas conchas, que perfilão e procurão uniformisar aquellas arcarias, onde o genio que creára Alhambra parece ter bebido suas inspirações !

Conhecimento perspectivo, vigor de toque, feliz disposição da luz, taes são os predicados dos Srs. Tagliabue e Piccozzi, de quem esperamos mais amplamente escrever, quando os virmos collocados no espaço magestoso da architectura, e nos fizerem penetrar momentaneamente nessas sumptuosas creações de todas as idades, e ahi lermos na fórma do arco, do capitel, e da laçaria o seculo a que pertencem, e a mão que as edificou.

O publico justificou o que acabamos de dizer : os Srs. Tagliabue e Piccozzi forão chamados á scena, e vivamente applaudidos : são os segundos que obtiverão esta honra, em outros tempos concedida a Mr. De Bret.

Que era nova e brilhante para o theatro de S. Pedro de Alcantara com os elementos que possue, e.... Não ! — Um frigido tremor vem congelar todo o nosso en-

thusiasmo ; o brilhante fantasma, a visão luminosa, tão pura e tão meiga que nos sorria,se transforma em um pesado caramelo, filtrando pela base gotas acinzentadas ! E essas gotas são as lagrimas das Musas, que vem symbolisar-nos o desfecho de um drama vergonhoso.

Os voos da esperança, alçados n'um céo de desejos ardentes, cahem de xofre no meio do tripudio safaro, da pocema, e da poeira erguida por. . . . . calemo-nos.

No theatro de S. Pedro o tempo tem dous relogios : um que se atraza continuamente, e o outro que se adianta fóra de todos os calculos; o primeiro oscilla o pendulo com soporifera lentidão, e o segundo bate e se apressa como o pulso de um Alcides febricitante: o lento serve para todas as resoluções, e o rapido para as execuções das obras de arte; o primeiro é destinado aos calculos do egoismo, e o segundo á realisação das concepções do talento !

Nada se faz de completo : todas as obras que ali apparecem são como aquellas virgens do inferno, que, apezar da sua belleza e satanicos artificios, nascião com um signal indelevel na fronte e no peito, para que sempre se conhecesse o eterno estigma de sua origem reproba.

Esperemos, que a esperança é um nuncio da victoria : o tempo é medico tardio, diz Montaigne, mas cura radicalmente todas as molestias.

Porto Alegre.

Explosão da Fabrica da Polvora.

No dia 8 de agosto do corrente anno de 1849, das 7 para as 8 horas da manhã ouvio-se nesta côrte um grande estampido, semelhante a um trovão interrompido, e logo depois algumas salvas no mar: o tempo estava nublado, é verdade, mas por isso mesmo promettia um dia descoberto e brilhante.

Como todos os acontecimentos funestos, nessa mesma noite se espalhou por toda a cidade a noticia da catastrophe, que foi certificada pela publicação do officio do Director na manhã seguinte. A consternação foi geral: perecêrão trinta e uma pessoas, e perderão-se mais de duas mil arrobas de polvora que se achavão na officina do granito.

Forão victimas o mestre e contra-mestre da officina, e vinte e nove escravos; o primeiro era um Brasileiro recommendavel pela sua intelligencia, zelo inextinguivel e probidade; e muito mais notavel por ser irmão do Sr. Dr. Magalhães, actual Encarregado de Negocios do Brasil em Napoles, cujas obras o Brasil conhece.

Nada se sabe da causa da explosão! a morte guardou-a com segredo eterno; foi essa desgraça como a de um naufragio no alto mar, ou como os gemidos de uma victima devorada no deserto.

Ouçamos a inconsolavel viuva, e escutemos o que esta desgraçada e virtuosa senhora nos contou no meio da mais viva e pungente dôr:

« Estava no meu quarto com minha irmã, acabando de vestir-me, quando um grande clarão me entrou por toda a casa, e após elle um trovão horrendo, seguido de varios tiros que fez tremer tudo! cuidei que era algum raio; mas vendo aquella descarga, senti-me toda fria, e sem mais pensar, voltei-me para o painel de Nossa Senhora da Soledade, e disse: Virgem Nossa Senhora, soccorrei a meu marido e livrai-o da morte. »

« Escutei, e nada mais ouvi; e sem mais pensar, assaltada de horriveis conjecturas, sahi como uma louca desesperada, atravessei a estrada, desci pelo caminho do forno, e quando cheguei á ponte, que está ao pé da casa dos fornos, cahi no chão: toda eu tremia como varas verdes; e por mais esforços que fiz para me levantar, não tinha forças, e estava banhada n'um suor frio; não sei o que se passou depois.

« Acordei entre os braços de minha irmã, e não sei se demais alguem; perguntei por meu marido, e vi lagrimas; voltei para casa.... estava viuva.

« Tanto pedi a meu marido que não almoçasse naquelle dia na officina, tanto lhe roguei, e elle sorrindo á luz da véla, na madrugada, me abraçou, e esse foi o seu ultimo abraço!

« Ainda na vespera, com aquelle seu modo alegre, me disse elle á mesa: — Não creio, minha Helena, que se nós fossemos ricos, e muito ricos, seriamos tão felizes como somos....

E a dôr, e a dôr de um coração virtuoso, de uma esposa modelo, abafou esta sensivel narração.

A explosão foi horrivel ! Da casa do granito, que tinha uns duzentos palmos de longo, e um pateo murado na frente, e duas casas á entrada, uma para o corpo da guarda e outra para depositos, ficou um monte de ruinas : machinas, moveis, e homens, tudo desappareceu. As mulheres e creanças que ahi trabalhavão desapparecêrão, e do mestre nada se achou. Em derredor da officina, no campo fronteiro, e sobretudo na floresta que lhe ficava pela parte posterior, se acharão membros troncados: aqui uma perna, ali um braço chamuscado, e mais adiante outros pedaços de corpos, e alguns talhados como se fossem fragmentos de uma estatua de bronze.

Nos troncos das arvores, a oitenta braças de distancia,se achavão membros pendurados e troncos balançando no intrincado da ramage superior.

A força da explosão, levando as infelizes victimas pelo ar, rebentou o seio de algumas mães, e lançou os fetos no meio do campo e do bosque ! Que abortos singulares, que nascimento funereo tiverão aquelles entes mal gerados e nascidos nos braços da morte e ao clarão e estampido de duas mil arrobas de polvora !

A sua vida foi uma existencia entre o mundo da placenta e o mundo da eternidade; em seus olhos abotoados pela natureza não corrêrão as duas lagrimas que marcão os extremos da vida: na noite se formárão, e nascêrão na eterna noite.

Tudo o que não tinha uma alma, póde-se recuperar; mas onde se achará um homem como o finado João Gonçalves de Magalhães, que durante trinta e cinco annos nunca arrefeceu de zelo, e a cuja intelligencia se devia a superioridade do fabrico da nossa polvora?

Foi elle expectador de duas explosões terriveis, já na antiga fabrica junto do Jardim Botanico, já na da Estrella, quando se perdeu a officina dos pilões. Foi elle quem plantou com o general Napion as primeiras arvores do Jardim Botanico, e o que alinhou por sua mão aquellas deliciosas alamedas que tanto encantão aos que lá vão passear e divertir-se !

Nós que o conhecemos, que recebemos os fructos de sua amizade, e que o choramos, como se chora um bom e leal amigo, devemos aqui louvar a justiça de S. M. o Imperador, que acaba de conceder uma pensão á sua virtuosa e inconsolavel viuva, que fica sobre a terra acompanhada de dous orphãos e de sua inextinquivel saudade.

HISTORIA PATRIA

Reflexões sobre os Annaes Historicos do Maranhão por Bernardo Pereira de Berredo.

Tratando-se de reimprimir no Maranhão esta chronica, que abrange todos os acontecimentos daquella provincia desde o seu descobrimento até 1718, parece-me opportuno fazer sobre aquelle trabalho algumas reflexões, que não serão inteiramente escusadas, tanto mais, quanto em grande parte são applicaveis aos outros escriptores, que se tem occupado com a historia do Brasil.

Não escrevo um prologo, porque pontos ha que me parecem dignos de maior desenvolvimento do que me permittirião os limites estreitos deste genero de escriptos, nem tambem commentarios, porque ser-me-hia preciso apreciar factos e circumstancias demasiadamente pequenos, de nenhuma importancia, de nenhum proveito. Os prologos nada valem, os commentarios cansão e pouco interessão; não me sobra tempo para isso, nem que assim fosse me daria a esse trabalho. Ha talvez um meio entre um e outro: chamar-lhe-hei —Reflexões— em falta de outro nome.

Berredo era Portuguez, e só escrevia para Portuguezes: não escrevia a historia do Maranhão, escrevia uma pagina das conquistas de Portugal: dahi o seu principal defeito.

Não é um verdadeiro historiador, é um simples chronista; não explica, expõe os factos, enumera-os, classifica-os pelas datas, e julga que nada mais lhe resta a fazer. Justiça lhe seja feita: a exposição é quasi sempre verdadeira, as numerações são exactas, as classificações são justas; mas falta-lhe a côr, o movimento, a vida, e por isso a sua obra é tantas vezes fastidiosa.

Não é philosopho, é um simples litterato: como litterato estudou Tito Livio e Tacito, estes grandes historiadores da antiguidade, cujo estylo procurou imitar; mas não escolheu bem os seus modelos, porque a magestade, a força daquelles escriptores é, em assumptos de tão pouca importancia, forçada e mal cabida, e a imitação, como que se converte em parodia.

Quem quer que for bom historiador deve ter uma destas duas cousas: ser politico ou poeta: não poeta no sentido em que falla Filinto Elisio — homem que vive de medir linhas curtas e compridas —, mas poeta de alma e de sentimento; escreva prosa ou verso; chame-se Schiller ou Chateaubriand, Homero ou Platão.

O historiador politico resume todos os individuos em um só individuo collectivo, generalisa as idéas e os interesses de todos, conhece os erros do passado e as esperanças do futuro, e tem por fim a nação.

O historiador poeta resume as nações em uma só nação, sympathisa com todas

as suas grandezas, execra todas as suas turpitudes, e generalisando todos os sentimentos, todas as aspirações do coração humano, tem por fim a humanidade.

O historiador politico escreverá o livro do povo, um como aquelles fragmentos da sybilla, que os Romanos consultavão nas grandes tempestades da sua Republica. O poeta historiador escreverá o livro do homem e de todos os homens, do povo e de todos os povos — o evangelho da humanidade.

Berredo não era nem politico, nem poeta: foi, como dissemos, um simples litterato portuguez, que escreveu, não a historia do Maranhão, mas uma pagina das conquistas de Portugal. O que lhe importa é a conquista, o que lhe interessa são aquellas insignificantes commoções de uma cidade dividida em classes tão desparatadas, são as representações da camara do senado, as exigencias dos colonos, as ordens da metropole, os combois annuos, as digressões dos governadores, os resgates de Indios. O que é Portuguez é grande e nobre ; o que é de Indios é selvatico e irracional ; o que é de estrangeiros é vil e infame. Assim nos Indios só vê barbaros, nos Francezes piratas, nos Hollandezes hereticos e sacrilegos: é tudo um mixto de patriotismo exclusivo e de cego fanatismo, porque Berredo é o orgão dos colonos portuguezes com todas as suas crenças, com todos os seus prejuizos, porque elle não enxerga senão o presente, não escuta senão o que diz o povo. Mas de tudo isto que é o que devemos pensar? Qual é a opinião do historiador? Eis o que não sabemos.

Os Hollandezes erão demasiadamente religiosos, para que desacatassem a sua propria religião, qualquer que fosse o symbolo por que ella se manifestasse exteriormente. O sacrilegio, que se diz commettido por elles, quando foi da invasão que fizerão no Maranhão, collocando uma imagem sagrada de alvo ás baterias portuguezas (*) erão vozes adrede derramadas na população, afim de envinagrar as odiosidades entre os dous povos rivaes no ponto em que se combatião. E o milagre com que Berredo remata este conto, se é que tal nome de milagre póde caber a factos, que mil vezes se repetem entre os desastres de uma guerra, qual é o de arrebentar uma peça matando os artilheiros, servirá para mais confirmar a nossa asserção. Mas digamos, como hoje se diz, que erão os prejuizos de então, e que elle, escrevendo sob a immediata censura dos frades, não podia deixar de render tributos ao fanatismo da época.

Os Hollandezes erão religiosos tanto e mais que os Portuguezes, erão valentes e aventureiros como os Portuguezes ; estavão em todo o esplendor da sua prosperidade, affrontavão Cromwel e os Felippes, monopolisavão o commercio do Japão, occupavão Java, fundavão Batavia e Ceylão ; emfim o tratado de Munster lhes assegurava quasi todo o commercio da Africa e das Indias. No entanto, os Portuguezes caminhavão a passsos largos para a sua decadencia: quarenta annos de dominio hespanhol tinhão arruinado as suas feitorias e aniquilado a sua marinha ; tinhão perdido muitas das suas possessões da Asia, e quasi todas as de Africa, e não podião soccorrer as suas colonias do Brasil.

(*) B. L. 12, n. 853.

Porque então não podérão os Hollandezes estabelecerem-se no Brasil? Porque não podérão fundar colonias, quando as fundavão em dominios portuguezes mais bem defendidos que estes? Porque forão vencidos pelos Portuguezes, quando vencião os Hespanhóes, então incomparavelmente mais poderosos? Porque forão vencidos aqui quando os vencião em outras partes? — Porque errárão; e o erro em politica é morte; commettida a culpa, o castigo sobrevém logo inexoravel, e terrivel como uma fatalidade.

Se elles se ligassem aos Indigenas, se os soubessem chamar ao seu partido, se comprehendessem o que erão estes, em relação ao paiz que pretendião avassallar, serião vencedores; porque da escravidão á revolta o que ha? Um passo quando muito. Ora, os Indigenas, com o seu amor ardente de liberdade, como de todos os povos semi-barbaros, mal soffrião os Portuguezes a quem tinhão offerecido hospitalidade, e que em troca os despojavão de suas terras, dos seus meios de subsistencia, de suas familias, da sua independencia, que elles mais que tudo prezavão.

Os Goaranis escrevião aos Portuguezes:

« Sabendo estas cousas (dizião depois das suas allegações), não havemos de crer que o nosso bom rei mande que uns infelizes sejão prejudicados nas suas fazendas e desterrados sem haver mais motivos que servi-lo sempre, quando se tem offerecido. E assim não o creremos nunca, quando diga: — Vós outros Indios dai vossas terras, e quanto tendes aos Portuguezes — não o creremos nunca. Não ha de ser. Se acaso as querem comprar com o seu sangue, nós outros todos os Indios assim as havemos de comprar. Vinte povos nos temos ajuntado para sahir-lhes ao encontro. E com grandissima alegria nos entregaremos á morte antes do que entregar nossas terras!... Não queremos ir aonde vós estais, porque não temos confiança de vós outros; e isto tem nascido de que haveis desprezado as nossas razões. Não queremos dar estas terras, ainda que vós tenhais dito que as queremos dar (*).»

Era esta a linguagem de todos. Appellavão para um poder superior, porque reconhecião que erão os mais fracos; mas com a probabilidade da victoria, ainda sómente com a esperança da vingança, acceitarião o auxilio de outros, embora extranhos, embora depois se convertessem tambem em tyrannos.

Os Hollandezes desprezárão os Indigenas e forão vencidos; destruirão em vez de edificar; unirão a população, ameaçando-a com um perigo commum, em vez de a dividir com a diversidade de interesses que de facto existia.

E os Francezes porque forão tão bem recebidos onde quer que desembarcárão? Porque achárão tanto apoio nos Indigenas? Por duas razões: não só porque o seu caracter sympathisa facilmente com o de todos os outros povos, mas porque tratavão com os Indigenas, como de iguaes para iguaes; querião antes amigos que escravos, commerciavão em vez de escravisar. Eis toda a sua diplomacia com os Indios.

Não aconteceu assim com os Portuguezes. Vinhão para o Brasil aquelles que não tinhão sufficiente coragem para se lançarem sobre a Asia e Africa, cujos campos,

(*) Dezembargador Scabra — Provas de Deducção Chronologica, pag. 172.

cujas cidades, cujos imperios tantas vezes repetirão com terror o nome Portuguez. Foi esta a razão por que os reis de Portugal tiverão sempre os olhos cravados naquellas partes do Oriente, onde a sua gloria se pleiteava, deixando por tanto tempo o Brasil á mercê dos seus deportados e dos seus aventureiros.

Para Asia e Africa mandava Portugal a flor da sua nobreza, para o Brasil vinha o rebute da sua população, havia excepções, mas estes vinhão por engano, como veio Pedro Alvares Cabral. Os de lá adquerião gloria, os daqui lucravão fortuna; aquelles erão heróes, estes commerciantes. De volta á metropole trocavão-se as partes: os primeiros, que só podião mostrar cicatrizes, morrião nos hospitaes; os segundos, que só tinhão fortuna, construião palacios. Como pois não havião de buscar o Oriente as almas grandes de Portugal, que as houve sempre, e muitas; e como não havião as almas interesseiras de affluir para onde se descobrião minas de ouro e diamantes?

Eis porque as primeiras paginas da historia do Brasil estão alastradas de sangue, mas de sangue innocente, vilmente derramado! O unico motivo de quasi todos os factos que aqui se praticárão durante trez grandes seculos foi a cobiça; cobiça infrene, insaciavel, que não bastavão fartar os fructos de uma terra virgem, a producção abundantissima do mais fertil clima do universo, as mais abundantes minas de metaes e pedras preciosas.

Se vos perguntão porque tantos riscos se corrêrão, porque se affrontárão tantos perigos, porque se subirão tantos montes, porque se explorárão tantos rios, porque se descobrirão tantas terras, porque se avassalárão tantas tribus; dizei-o, e não mentireis: — foi por cobiça.

Era por cobiça que os governadores vinhão á estas terras tão remotas, onde nenhuma gloria os esperava (*); era por cobiça que os proprios missionarios deixavão a frisa e a orla das roupetas nestas florestas sem caminho, porque tantas privações passavão, porque soffrêrão tantos martyrios. Um delles escrevia a D. Affonso VI, encarecendo as obras da Companhia: «Assim que, Senhor, vamos tomando conta destas terras por Deos e para Deos.»

O primeiro topico de que havemos de tratar na historia do Brasil é dos Indios. Elles pertencem tanto a esta terra como os seus rios, como os seus montes, e como as suas arvores; e por ventura não foi sem motivo que Deos os constituio tão distinctos em indole e feições de todos os outros povos, como é distincto este clima de todo e qualquer outro clima do universo.

Não digamos, como diz Berredo, que era um povo bruto e feroz, nem os apreciemos pelos que hoje conhecemos. Não degenerárão ao contacto da civilisação, porque esta não póde envilecer; mas embrutecêrão a força de servir, perdêrão a dignidade, o caracter proprio, e o heroismo selvagem, que tantos prodigios commetteu e perfez. Vêde o que fizerão, e dizei se não ha grandeza e magnanimidade nessa lu-

(*) Não exageramos: o P.e Vieira escrevia ao rei de Portugal: — Peço a V. M. que os governadores capitaes móres que vierem a este Estado sejão pessoas de consciencia, e porque estes não costumão a vir cá, etc. *(Cart. de 20 de abril de 1657.)*

ta que sustentão ha mais de trez seculos, oppondo a flexa á bala, e a tacape sem gume á espada d'aço refinada.

Elles são o instrumento de quanto aqui se praticou de util ou de glorioso ; são o principio de todas as nossas cousas ; são os que derão a base para o nosso caracter nacional, ainda mal desenvolvido, e será a corôa da nossa prosperidade o dia da sua inteira rehabilitação.

O Indio primitivo, naquellas festas de sangue, que erão o enlevo de suas *tabas* (*), quando prisioneiros entoavão com voz segura o seu canto de morte, e cahião impavidos e ameaçadores sob os golpes da *iverapeme* (**), erão verdadeiros heróes.

Quando no meio das matas procuravão debalde alimento para matar a fome, quando depois das fadigas talvez de trez dias consecutivos desesperavão do successo da sua empreza, deitavão-se tranquillos á sombra de alguma arvore, esperando resignados que Tupan lhes mandasse ali o de que carecião.

Quando prisioneiros, manietados, arrebanhados são conduzidos para as cidades, quando os querem forçar a mudar de vida, quando lhes não dão os alimentos a que estão acostumados, quando lhes não permittem os exercicios a que estão affeitos, quando lhes prendem os membros nestes nossos prosaicos vestidos tão mesquinhamente talhados, quando os encerrão entre as paredes de uma casa, a elles, cuja vida e desejos cifrão-se todos no gozo de uma liberdade incircumscripta, tornão-se indifferentes aos carinhos e ás ameaças, aos mimos e aos máos tratos, resignão-se e morrem.

Improvidencia, resignação e heroicidade, eis o Indio.

E ao nosso povo, que lhe importa a vida? Se estendem o braço, encontrão fructos com que matar a fome ; se dão um passo, encontrão regatos onde matem a sede : para que pois curar do dia de amanhã ? As fontes não seccão nunca, e os fructos são de todo o anno. São por isso improvidentes.

Se olhando para cima vê que os que lhe estão superiores abusão ; se olhando para baixo vê que os que lhe são inferiores soffrem, não murmurão de uns, nem defendem os outros, e todavia conhecem o que é bem, e o que é mal. Mas que lhes importa isso ? Se a sua vida é miseravel, se a sua condição é triste, se os vexão, se os perseguem, se os maltratão, mesmo se os desprezão, soffrem, e procurão esquecer-se, portanto resignão-se.

Se porém a esses homens, tão descuidados, tão resignados, tão improvidentes, podeis dar um motivo de acção, um incentivo qualquer, se nessas almas, que tão facilmente se afinão, se inflammão, se electrisão, transbordando os mais generosos sentimentos, podeis derramar uma faisca de enthusiasmo, vereis o que são, o que fazem, o de que são capazes: serão corajosos e infatigaveis, pertinazes no seu proposito, atilados na sua execução, quasi sempre poetas, heróes algumas vezes.

Tudo isto é indio, tudo isto é nosso ; e tudo isto está como perdido para muitos annos.

(*) Aldêas.
(**) Maça do sacrificio. *(H. Stadt.)*

Sim, a escravidão dos Indios foi um grande erro, e a sua destruição foi e será grande calamidade. Convinha que alguem nos revelasse até que ponto este erro foi injusto e monstruoso, até onde chegárão essas calamidades no passado, até onde chegarão no futuro: eis a historia.

Convinha tambem que nos descrevesse os seus costumes, que nos instruisse nos seus usos e na sua religião, que nos reconstruisse todo esse mundo perdido, que nos iniciasse nos mysterios do passado como caminho do futuro, para que saibamos donde vimos e para onde vamos: convinha emfim que o poeta se lembrasse de tudo isto, porque tudo isto é poesia; e a poesia é a vida do povo, como a politica é o seu organismo.

Que immenso trabalho não seria este! mas tambem quantas lições para a politica, quantas verdades para a historia, quantas bellezas para a poesia!

Em primeiro lugar, devia ver qual tinha sido a Judea desta parte do novo mundo: o seu berço devia ser um clima temperado, qual convinha a homens que não estavão vestidos; devia ser abundante de caça e de pesca, como para homens que carecião de toda a industria; devia por fim ser coberto de arvores que lhes servissem de abrigo. Será ainda preciso que indiquemos o Amazonas? A tribu-mãi, que deveria ter vindo da America Septentrional pelo isthmo do Panamá, havia de ter-se estabelecido nas florestas, porque para que era ir mais longe?

Estes forão os Tupis, o seu nome bem o indica; ou porque elles se julgassem descendentes de Tupan, ou porque lhe tomassem o nome de agradecidos pelos ter guiado ao travez de tantas vicissitudes a estas novas terras de promissão. Assim foi que o povo hebraico se chamou povo de Deos. Mas talvez ha outra ethymologia. A palavra—Tupi—póde ter sido formada desta outra indiana—Ipy'—, que quer dizer—cabeça de geração, principio, primeira origem, etc.— Pará não é senão abreviatura de Paraná (*), nome que os Indios deverião ter dado ao Amazonas; se porém soubessemos qual o nome por que elles indicavão aquella provincia, ou os lugares que habitavão, talvez nos podesse isto esclarecer sobre tão importante questão. Mas que os Tupis são filhos do Norte prova-o a sua linguagem doce e harmoniosa, toda intercalada de vogaes, e exprimindo musicalmente todas as affeições agradaveis (**), prova-o a sua imaginação ardente e colorida, e as suas crenças todas poesia, todas do coração. *(Continúa.)*

(*) Na lingua indigena quer dizer—mar.—

(**) Di-lo o P.e Anchieta no prologo do seu Diccionario Brasiliano. O Novo Orbe diz: — facilis est copiosa, neque insuavis.

A. Gonçalves Dias.

CHYMICA

Analyses feitas por ordem do Sr. Ministro da Fazenda.

Nas analyses, cujo resultado vamos expor, empregámos agua regia ; algumas vezes, e só como meio subsidiario, empregámos a coupellação. A agua regia, de que nos servimos, se compunha de quatro partes de acido-chlorhydrico, e uma de acido-nitrico. Atacada a liga por este reagente, evaporámos até seccar para expellir o excesso de acido que podesse haver ; ajuntámos agua, e separámos o chlorureto de prata pela filtração: este chlorureto, depois de secco, era pesado, e dahi se deduzio o peso da prata. A' dissolução, contendo os outros metaes, ajuntámos acido-oxalico, o ouro precipitava-se no estado metallico, que era lavado e pesado. Separado o ouro, precipitámos pelo acido thionhydri em estado de sulfureto os metaes que ainda estavão na dissolução, e que por esse meio supportão essa transformação. Os sulfuretos separados do liquido, foi este tratado pelo cyanureto de ferro e potassio, e deu um precipitado azul, prova da existencia do ferro, e os outros reactivos nos confirmárão tal existencia. Para obtermos o palladio, servimo-nos de meios indirectos. Coupellámos uma nova porção da moeda em ensaio, o que nos deu uma liga de ouro, prata e palladio, que, atacada pela agua regia, deu, depois de separados o ouro e a prata, o cyanureto de palladio pelo cyanureto de mercurio.

Outras vezes, desenvolvendo uma porção de liga ; pela agua regia evaporámos, e continuámos a acção do fogo até se decompor uma pequena porção de perchlorureto de ouro. Neste estado, ajuntando uma pouca de agua no residuo, e pondo sobre um filtro, acha-se nelle um deposito de chlorureto de prata, chlorureto de ouro, palladio e ouro, que, lavado com acido-chlorhydrico, diluido e fundido com borax, dá uma liga de ouro, prata e palladio, da qual é facil ter o palladio. Por estes meios achamos que as moedas de 6$400, cunhadas no reinado do Sr. D. João, contém palladio e ferro. As cunhadas em 1847 tambem apresentão os mesmos metaes. As de 1849 só dão ferro.

RESULTADO DAS ANALYSES.

Moedas de mil réis cunhadas no reinado do Sr. D. José. . . .	ouro	91,3
	prata	4,5
	cobre	4,2
		100,0
Idem » » » da Sra. D. Maria. .	ouro	91,1
	prata	4,6
	cobre	4,3
		100,0

Peças cunhadas no reinado do Sr. D. João :

1.° ensaio, peso da liga 304,2 milligramas. . . . . { ouro 90,4 / prata 5,15 / cobre 438
ferro e palladio

2.° ensaio » 154,5 milligramas. . . . . { ouro 9035 / prata 5,09 / cobre 4,5
ferro e palladio

Peças de 1847 :

Peso da liga 285 milligramas. . . . . { ouro 91,7 / prata 6,3
cobre, ferro e palladio

Peças de 1849 :

1.° ensaio, peso da liga 676,7 milligramas . . . . . { ouro 91,1 / prata 6,9
cobre e ferro

2.° » » 433,2 milligramas . . . . . { ouro 90,7 / prata 6,8
ferro e cobre

Moeda de prata do novo cunho com muito pouco ouro. . . . { prata 87,4 / cobre 12,6

Azeredo Coutinho e Capanema.

Olhos verdes.

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança,
Uns olhos côr de esperança,
Uns olhos por que morri.
Ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas
Iguaes na fórma e na côr,
Tem luz mais branda e mais forte,
Diz uma vida — outra, morte,
— Uma, loucura — outra, amôr.
Ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São verdes da côr dos prados,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflamão
Tão meigamente derramão
Fogo e luz do coração.
Ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Deoisp que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
Que tambem podem brilhar;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da côr do prado,
Mas verdes da côr do mar!
Ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós, oh meus amigos,
Se vos perguntão por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos côr de esperança
De uns olhos verdes que vi!
Que, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós: — Triste do bardo!
Deixou-se de amôr finar;
Vio uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde mar;
Erão verdes sem esp'rança,
Davão amôr sem amar.
Dizei-o vós, meus amigos,
Que, ai de mi!
Não pertenço mais a vida
Depois que os vi.

A. Gonçalves Dias.

Ode Sapphica.

(inedita.)

Na maquina fallaz o grego astuto
Da miserrima Troya o fado encerra,
Quer em funesto ardil colher o fructo
Da tarda, inutil guerra.

Entre as sombras nocturnas desce a morte
A' cidade em dous lustros invencivel!
Está muda e recondita cohorte
Dispondo estrago horrivel.

Dos Teucros fatal somno eis se apodera
Co' a inerte languidez, co' a molle incuria,
Azo a irmã prestando horrenda e fera
Com que ensanguenta a furia.

Já sahe do ligneo bojo a tardo passo
A caterva feroz ali sumida;
Aos tristes vai romper do somno laço
Com o laço da vida!

Sedenta aqui, ali já se derrama
A negra cavilosa atrocidade
Já corta o ferro, já scintilla a chamma,
Já reina a mortandade.

Da confusão, do horror desatentados,
Os frigios miserandos tremem, correm;
Inermes, indefezos, aterrados,
. . . . falleceni, morrem!

D'entre a terrivel, barbara fereza
Rebentão debeis vozes lastimadas;
Opressa expira a candida pureza
Das virgens profanadas.

Não vale o sexo, a condição, a idade,
Tudo a raiva confunde, tudo estraga;
Praças e ruas da infeliz cidade
Pego de sangue alaga.

Não dão sagrado asylo os patrios lares,
Terna clemencia nenhum grego abala,
Abraçado aos thuricremos altares
Priamo a vida exhala.

As veneraveis cans, o gráo sublime
Contra Pyrrho cruel são vã defeza,
Gloria-se o furor, triumpha o crime,
Recúa a natureza.

Execrando inventor do atroz delicto
Que as muralhas de um Deos desfez em fumo !
Em vão sôa de ti soberbo grito,
Que toca o polo summo.

De Smyrna o grão cantor com voz divina
Em vão te abrilhantou de um nome augusto,
Seu extro não seduz, não allucina
O tribunal do justo !

. . . . . se sentencea
. . . . de oprobrio de castigo eterno,
A' vil perfidia tua enorme e feia
Crê desigual o inferno.

Torreões derribar, tingir cidades
De rubro sangue em fervidas correntes,
Carregar de tormentos, de impiedades
Desventuradas gentes

E' nódoa sempiterna, é crime horrendo
Odeia a natureza heróe supposto
Que nos males que faz se vai revendo
Com ledo, ufano rosto.

Pacifico mortal, mortal benigno,
Que em proveito dos miseros se inflamma,
Do alto nome de heróe sómente é digno,
Digno d'inclyta fama.

Seabra bemfeitor! a heroicidade
Legitima e piedosa em ti se apura ;
Teus louvores por mim tece a verdade
Mais do que a desventura.

Como a mil, os grilhões que me atribulão
Destroça: tu és grande, eu desgraçado;
São titulos, senhor, que te estimulão,
A serenar meu fado.

1797

Paulo José de Mello.

VARIEDADE

Corregio, e a Historia.

O célebre pintor italiano, Antonio Allegri, conhecido pela belleza e suavidade do seu colorido, e pela habilidade com que escorçou, passou, e ainda passa nas differentes historias, que a seu respeito se escrevêrão, por um pobre homem, carregado de uma numerosa familia, e que morrêra de fadiga, e acabrunhado debaixo do peso de um sacco de moeda de cobre, que carregára da cidade de Parma ao arrabalde onde morava.

Oenschelegel, o primeiro poeta dinamarquez, fez sobre Corregio uma bellissima tragedia; e todos os viajores, que tem admirado a cupula da Sé de Parma, e o seu famoso S. Jeronymo, repetem a mesma cousa: — Pobre Corregio!

A. Vasari, mal informado, e não como pretende Orlandi, por querer desmerecer os pintores lombardos, se deve esta idéa falsa; pois está provado hoje que Corregio teve um curso regular de humanidades, que foi discipulo dos melhores mestres do seu tempo, que era de uma das mais nobres familias de Parma, que tinha herdades e patrimonio, que deixou a seu filho unico uma avultada fortuna, e que fôra sepultado no carneiro da sua familia.

E porque depois destas provas continuão os homens a acreditar o que geralmente se crê? — Porque Vasari, o historiador de todos os grandes artistas da renascença, o classico da lingua italiana, é, e será sempre lido, não só pelo grande quadro que abrangeu, como pela belleza do estylo, e porque foi contemporaneo de Raphael, e discipulo de Miguel Angelo.

Tacito, fallando de Tiberio, se contradiz em muitos lugares; e no entanto todos olhão para Tiberio como para um monstro!

Alexandre Borgia acha um apologista em Feijó, no seu *Theatro Critico*, que o desculpa e o louva como um grande papa. A' vista de taes exemplos, quem não temerá a penna de um historiador parcial, mórmente se o escriptor possue talento, e a magia de um estylo seductor? Montesquieu rehabilitou a Sylla, e o monstro de Roma, o famoso proscriptor, que, á porfia com Mario, parecia querer lavar as pedras de Roma com o sangue do povo rei, se acha hoje absolvido, e considerado como um cidadão benemerito.

O exemplo de Corregio é desanimador para todo homem que espera uma gloria posthuma, se esse homem não agradar a um escriptor. Os actos do homem publico, assim como as idéas de um escriptor devem ser filhos da verdade e da justiça eterna: a mentira repetida é a verdade para o futuro: *voila come on écrit l'histoire.*

NOTICIAS DIVERSAS

S. M. o Imperador, dignando-se ha tempos de fazer uma visita á sala onde o Instituto Historico e Geographico Brasileiro faz as suas sessões ordinarias, mostrou-se descontente da mesquinhez do lugar, e ordenou immediatamente ao seu mordomo que mandasse preparar uma sala digna daquella sociedade, que tão bonsserviços está fazendo ao paiz; e hoje, no segundo andar do antigo convento do Carmo, se apresta uma sala espaçosa, comtodos os commodos proprios para os trabalhos do Instituto.

A nova sala, que tem trinta e quatro palmos de largo e noventa de longo, é toda estucada de novo, e com grandes armarios de vinhatico para a bibliotheca e museu americano. Logo que este grande trabalho estiver prompto, o Instituto terá occasião de expor a sua escolhida bibliotheca, e as preciosidades do seu museo; e um lugar conveniente para os seus raros manuscriptos. Cremos firmemente que esta manifestação, puramente imperial, será correspondida com duplicado zelo da parte dos membros da mais bella instiuição litteraria que possue a America Meridional.

Pela maneira por que proseguem os trabalhos, podemos affirmar ás pessoas que conhecem aquelle lugar, que os reparos e mudanças feitas na casa nada deixarão a desejar: o caracter ou phisionomia da sala está em perfeita harmonia com o seu destino, e apresenta um aspecto grave, que muito se compadece com o genero de trabalhos, e com a missão daquella sociedade, cujas publicações são quotidianamente reclamadas de toda a parte, e em cujas relações se contão as mais celebres Academias e Institutos da Europa.

O Instituto deve ser caro a S. M., pois sempre lhe ha dado provas de adhesão e acatamento em todas as solemnidades nacionaes, mórmente pela sentidissima morte do Sr. D. Affonso, cuja saudade ficou estampada em um volume precioso, talvez a obra mais luxuosa que tenha sahido da imprensa brasileira.

— Pessoa competentemente habilitada nos informa que os trabalhos da igreja da Candellaria proseguem com actividade: esta obra, apezar dos immensos defeitos d'arte de que se acha eivada, principalmente na monstruosa ordenação interna, será sem duvida um dos maiores templos do Brasil, mórmente se os respeitaveis irmãos entregarem a correcção do zimborio e cupula a pessoa que valha mais que um mestre rutineiro: as artes, e mui positivamente a architectura, tem a sua linguagem, a sua pragmatica, e alguma cousa de mais sublime do que as concepções de um official pratico.

— O nosso amigo e compatriota o Sr. Manoel Odorico Mendes, residente em Paris, escreve-nos o seguinte:

« A minha traducção vai adiantada; e depois que cheguei á França tive de re-

« forma-la na parte archiologica, principalmente no que toca á marinha dos antigos. « Com grande prazer meu, consultando os escriptos de Mr. Jal, vi que tinha acerta- « do em muitos lugares, nos quaes me apartava do commum dos interpretes. O « Dr. Lopes de Moura tem examinado escrupulosamente o meu trabalho, que lhe « parece profundo e consciencioso. Agora vou ficar sem este amigo: elle vai passar « algum tempo na Belgica e na Hollanda, onde pretende examinar impressos e ma- « nuscriptos que sirvão para a historia do Brasil ; pois que das bibliothecas de Paris « tem já examinado tudo. »

A traducção de que nos falla o eximio litterato é a da *Eneida*, que, no momento de partir, já se achava no sexto livro, e que, na opinião dos fallecidos conego Januario, marquez de Paranaguá e Paulo José de Mello, era um primor d'arte.

O Sr. Dr. Caetano Lopes de Moura, autor das *Harmonias da Creação*, é pensionista de S. M. o Imperador, e tem por missão fazer as pesquizas acima referidas. Ao Instituto Historico já tem mandado o seu augusto protector alguns trabalhos importantes do Dr. Lopes de Moura.

— Annunciamos aos nossos subscriptores que o Sr. Dr. Riedel, director da terceira secção do museo nacional, vai mimosear-nos com um interessantissimo trabalho sobre a phisiologia vegetal do Brasil. Todos sabem o quanto viajou este illustre botanico, que se acha domiciliado entre nós, e o nome e consideração que lhe grangeárão seus trabalhos scientificos na Europa.

A parte botanica do *Guanabara*, dirigida pelos Srs. Dr. Freire Allemão, Riedel e Capanema, assegura aos nossos leitores a esperança de trabalhos conscienciosos e de summa importancia para o progresso das sciencias naturaes.

— No laboratorio chimico do museo nacional, os Srs. Drs. Azeredo Coutinho, Burlamaque e Capanema proseguem em suas analyses; os trabalhos destes varões incansaveis, e suas descobertas serão publicados no *Guanabara*.

— O nosso correspondente, o Sr. Warnhagem, que se acha em Madrid, está escrevendo uma historia do Brasil : esta obra promette, além de muitas correcções de factos, a publicação de outros até agora desconhecidos. O autor compulsou todos os manuscriptos de Portugal que dizem respeito ao Brasil, e ultimamente obteve do governo hespanhol o poder fazer pesquizas no real archivo de Simancas, que é um thesouro igual ao da Torre do Tombo.

— S. Ex. o Sr. barão de Cayrú acaba de honrar a redacção do *Guanabara*, enviando-lhe—um fragmento de um escripto sobre Economia Politica— de seu illustre pai, o fallescido visconde de Cayrú. A redacção do *Guanabara* aprecia, como

deve, o valioso presente que recebeu; e os leitores deste Jornal verão no proximo numero essa producção do nosso sabio e benemerito compatriota.

— No dia 21 de julho p. p. installou-se nesta cidade o Nucleo Horticulo Brasiliense. S. M. o Imperador, attendendo ao que lhe representárão os membros da directoria, houve por bem permittir-lhes que o seu augusto nome e o da imperial familia sejão incriptos como protectores daquella sociedade; e outrosim que a mesma sociedade use do titulo de *Imperial Nucleo Horticulo Brasiliense.*

O Nucleo Horticulo Brasiliense é um bello pensamento, que o nosso prestimoso horticultor o Sr. Praxedes desejava desde muito realisar.

— Parece que a repugnancia dos cemiterios vai-se vencendo, e que o tempo e a civilisação vão triumphando de um preconceito, que nem os decretos vindos de Lisboa no tempo da colonia, nem o exemplo dos Inglezes na Gamboa, nem a tenacidade do Sr. senador Clemente Pereira podérão vencer. Diz-se que o Sr. Manoel Pinto da Fonseca, por parte da irmandade de S. Francisco de Paula, quer fazer este beneficio á cidade, e este grande serviço ao paiz: Deos o ajude em tão caridosa empreza.

Os cemiterios mais bellos do mundo são o do *Pere la Chaise* em Paris, o de *Bolonha* na Italia, e o de Napoles, que excede a todos, pela formosura do sitio, e porque ahi se reunirão as bellezas dos dous acima mencionados.

Se uma boa intelligencia presidir ao traçado da planta do cemiterio, terão as gerações futuras mais um monumento; porém se ao contrario vierem as quotidianas vistas mesquinhas, ou alguem que nada tenha visto, ou que, desprovido de imaginação e arte, trace um pigmeo em vez do inevitavel gigante, teremos mais um documento da rotina e do menosprezo com que se tem sempre assignado quasi todas as nossas emprezas.

— A torre antiga do Carmo se acha concluida: a direcção da Ordem Terceira, que tão bons desejos mostra, deveria ter consultado pessoas abalisadas, antes de emprehender o novo pinaculo, que. na opinião dos entendedores, não está em harmonia com o caracter da architectura do edificio: muito mais economico, e de muito melhor gosto seria ter ramatado a torre com a gradinata superior, que, para maior infelicidade, está com os balaustres no sentido inverso á sua collocação. A maneira por que aqui se corôão as torres é sem gosto, e sem exemplo nos paizes civilisados. Lastimamos no fundo do nosso coração que tão bons desejos e tantos cabedaes sejão empregados em sacrilegios de pedra e cal.

O GUANABARA pubica-se mensalmente: cada um de seus numeros conterá, pelo menos, 64 paginas de impressão, e será muitas vezes ornado de estampas: cada semestre formará um tomo, e então os Srs. subscriptores receberão um frontespicio e um indice geral das materias.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA.

Por semestre 5$000 — por anno 10$000 tanto para a côrte como para as provincias, pagos á entrega do 1.° numero.

ASSIGNATURAS.

Assigna-se o GUANABARA na côrte, em casa dos Srs.:

Paula Brito—Praça da Constituição n. 64.

Typographia do *Correio Mercantil*—Rua da Quitanda n. 13.

E. e H. Laemmert—Rua da Quitanda n. 77.

M. A. Porto-Alegre—Rua da Lampadosa n. 84.

Agra & Comp.—Rua da Quitanda n. 70.

Bibliotheca Fluminense—Rua dos Ourives n. 87.

Escriptorio da redacção do GUANABARA—Rua do Regente n. 57.